

OS RITUAIS GUARANI E KAIOWÁ DA REGIÃO SUL DO MATO GROSSODO SUL: RELAÇÕES INTRÍNSECAS COM AS ARTES TRADICIONAIS

1. Início da discussão

A compreensão de um universo de relações sociais indígenas por meio da análise da prática ritualística, nos remete a refletir não apenas em uma direção e sim em uma pluralidade de sentidos, signos, símbolos e conceitos objetivos, subjetivos e intersubjetivos que estão em constante suspensão e que referem a própria experiência vivida e representada no espaço-temporal – sistemas e junções entre saberes são necessárias para perpetuação de múltiplas histórias e conhecimentos. É neste universo de construções e dinamicidades onde vários atores participam no sentido de conectar sentidos, experiências, práticas, que se constituirão em modelos a serem seguidos pelas futuras gerações, a educação se faz presente como uma necessidade de se fazer sentir e se fazer ser social e pertencer a coletividade e para esta contribuir para sua existência.

Partindo desta acepção, conseguimos perceber o ritual como uma espécie de linguagem coletiva, um símbolo representativo de algumas verdades transcendentais, que incorporam uma prática dinamizada que permeia por uma rede complexa de ações significativas capazes de unir um grupo e convencê-lo por meio de sua eficácia histórica e contemporânea (Mauss, 2003). Mais do que um movimento cosmológico de ordem reflexiva ou contemplativa, “os rituais de uma sociedade ampliam, focalizam, põem em relevo e justificam o que já é usual nela” (Peirano, 2002, p. 8).

Dessa forma, começamos a discussão trazendo à tona as palavras de nossa guia espiritual Dona Tereza Guarani. Dissemos para ela, a senhora poderia nos contar um pouco sobre o *Jeroky* (a dança ritual). Ela nos disse, claro que posso, mas cuidado é longo (risos). É dissemos será um prazer- acima de tudo uma honra- o trecho a seguir é uma adaptação do que a *Nhandesy* nos relatou em sua residência. O Sol vai se pondo no *Tekohá*, membros de várias parentelas vão chegando com seus apetrechos (*Xirú*, *Mbaraká*, *Mymby* e *Takuapú*) para passar a noite a dançar no ritmo do *Jeroky Pukú* (canto-longo), acompanhados de seus filhos vão acomodando-se pela *Ñanderogaii* (residência Guarani), a gritaria/tumulto é total, com as crianças a correr, a rir, outras a chorar; os *Jaguá* (cachorro) se encontram e se estranham, a

provocar em seus donos gritaria para que cada animal retorna a casa. Enquanto não chega a hora, os homens preparam a roda de *Teréréiii* (bebida típica do Mato Grosso do Sul, similar ao mate gaúcho, mas com adaptação Guarani) e as mulheres se juntam aos mesmos ou formam outra roda de *Kaá'y* (chimarrão ou mate, mais utilizadas pelas mulheres Guarani).

2. O tekohá

Os Guarani intitulam a categoria aldeia de Tekohá (também denominados pelos Kaiowá e Pay Tavyterã de Mato Grosso do Sul e Paraguai; Mbyá do Pará, Paraná e São Paulo e o Chiriguano da Bolívia), que é assim que os denominamos, significando lugar para se viver conforme a percepção de Guarani, embora seja do livre arbítrio de cada um viver ou não, conforme tais preceitos; o modo correto de viver conforme ensinado e aprendido nas caminhadas educativas, assim como nas noites de *Jeroky* (dançar). É o lugar da vida; é a interação do espaço físico com o social, resultando em vida de forma o mais próximo possível ao *Raeháxa* (tradicional) e não importa onde se esteja, se na terra “tradicional” ou não, onde se estiver, aí poderá sê-lo; é ali que sua vida literalmente caiu, então deve ser exercitado o ser, para isso não é preciso de um lugar específico, basta evidenciar o ser, se vai exercitar o *Teko Vay* (vida má, proceder ruim) ou se o *Teko Porã* (vida boa, conduta condizente com o modo religioso), isso é com cada um, a vida lhe pertence, cabendo somente a ele ou ela conduzir o seu ser, como pude perceber em diversos diálogos.

Outrossim, em *Ñanderoga* ou *Oga Guassu*, se lá já houver *Yvyraí'já* (portador do bastão ritual), este já se adianta ao *Ñanderú* e vai verificando as condições dos instrumentos rituais, se a casa já foi toda varrida, verificado se o pote com casca de cedro vermelho, está cheio de água. Em dado momento o *Ñanderú* e *Ñandesy* se levantam, pegam o seu *Mbaraká*, pigarreia, olha para todos e começa o *Jerovassá* (abençoar, limpar o corpo), para dar início a dança ritual. Quase sempre acontece de exercitar o seu *Mbaraká* por um certo tempo diante do *Yvyra Marangatu* (altar) e o *Ñembo'e* (oração, encantamento) pode ser ou não audível a todos. Portanto, caminha-se pelo terreiro da casa, em círculo, terminando na frente do altar, fechando o formalismo inicial do ritual.

Durante a nossa participação do *Jeroky Pukú* da parentela de Dona Tereza Guarani, que foi realizada em outubro de 2018, observamos que os cantos e as danças executados no ritual Guarani, abrem os caminhos através dos quais os mesmos viajam por e para outras dimensões onde se encontram as aldeias celestes, lá conversam com os ancestrais, com *Ñanderú Vussú*

(nosso Pai/Deus maior), e todos os seres que porventura possam encontrar no caminho dos espíritos, o visível e o invisível se visitam, iniciando o estabelecimento de um futuro parentesco, uma rede social espiritual é formatada.

Em síntese, Almiros corrobora que é justamente por meio do poder/conhecimento armazenado no *Mbaraká* ancestral (como um pendrive), é que o dançarino mestre é guiado por caminhos antes não trilhados ou já conhecidos, dependendo da finalidade da dança ritual, os caminhos pelos quais passará permitem o aperfeiçoamento espiritual. Se for ritual de cura ou ainda para desmanchar feitiços, o proceder ritualístico toma rumos diferentes, conforme o *Ñemboe* (fala/encantamento/oração) exigido. Empunhado pelo mestre da cerimônia o *Mbaraká* se transforma em cetro do poder e o *Ñanderú* o saber/ fazer/caminhar, exercita-o, fundem-se em um só corpo espiritual, é a agencia que o transporta ao universo não-humano.

3. Os cânticos indígenas

Ao participamos de vários *Ñemboé* (rezas), diálogos com as lideranças Guarani, pescas no verão, percebemos que o canto e a dança são as linguagens determinadas pelo ritmo dos *Mbaraká*, que estabelecem o elo espiritual com os lugares celestes, morada de *Ñanderu Vussu*. As danças seguem marcações rítmicas do maestro *Mbaraka Jú* aos seus dançarinos, acompanhados pela batida dos *Takvapú* (bastão rítmico feito de *Takvara*- bambu) utilizadas exclusivamente pelas mulheres Guarani. São basicamente dois ritmos na melodia dos *Ñanderú/Ñandesy* e dos *Yvyraija*, a primeira acelerada e com forte marcação rítmica, marcações para simulações de lutas corporais (como se fora artes marciais); a dança exprime o fervor e fortalecimento religioso; ficar leve facilita a caminhada ao mundo da imaterialidade, é denominada de *Jeroky Hatã* (dança com marcação acelerada); a segunda é mais lenta, límpida, formal, solene, é denominada de *Ñeëngaraí* ou *Jeroky Mbegue*, tem a premissa de encantamento, invocação, reverencia, respeito, lamento. No caso das mulheres a movimento do corpo é comumente denominado de *Syryry* (deslizar) ou *Kunã Jeroky* (dança feminina); o movimento corporal dos homens produz uma performance pelo terreiro do *Ogapysy*, é chamado em duas das suas etapas mais usuais de *Ñemongu'ê* (movimentar-se), e a outra *Ñemomisy* (agachar-se).

Ao longo de nossa jornada juntamente com os Guarani da RID (Reserva Indígena de Dourados), compreendemos que se o objetivo é alcançar o *Aguyje* (perfeição, plenitude), o *Kandiré* (imortalidade/iluminação), o modo de proceder aqui na terra deve ser irrepreensível, com

dedicação ao *Purahei* (cântico) constante e ao *Jeroky*; se alcança o *Yvã* (céu, cosmos), que é em última instância a morada desejada na eternidade. O grande cuidado é para não errar o caminho que leva ao destino desejado durante o ritual ou a subida, pode ser sem volta; as palavras denotam o seu poder de agir, fazer, transformar, trocar de estado da matéria para o do espírito. Enquanto o *Ñanderú* (rezador) ou *Ñandesy* (rezadora) vai seguindo a sua viagem, orientado pelo *Mbaraká*, ele vai fazendo as suas orações e encantamentos, abrindo as passagens e caminhos, considerando que muitas são as *Tava* (aldeia de pedra) na terra que não se morre mais, sempre haverá a possibilidade de estar indo a um novo *Tekohá*. Por vezes o cântico/encantamento é audível a todos os presentes no ritual, significando que o caminho é fácil, conhecido, já trilhado, em outros momentos é apenas grunhidos, em razão de estarem sendo usados os encantamentos mais secretos recebidos de *Ñanderu Vussú*, pois há perigo constante a vista, espíritos malignos à espreita.

4. Passado, presente e futuro Guarani e Kaiowá

Na caminhada em direção a *Yvymarane'y* pode ter agregado a si outros Guarani, que por ali estejam caminhando rumo a determinado *Tekoha*- assim como na caminhada terrena no *Oguatá* (caminhada com intencionalidade), grupos vão sendo constituídos e desfeitos até o ponto de chegada. O mesmo ocorre na viagem espiritual, pode ser que seja acompanhado de outros *Ñanderu* ou de espíritos amigos. Este caminhar define todo um modo de vida e comportamento, dedicação e esforço em estar leve para chegar rápido à rota que conduz ao local almejado. Esta mobilidade tem implicações religiosas, sociológicas e jurídicas, enfatizando a horizontalidade e a verticalidade desses movimentos, considerando a vida terrena e a espiritual.

A *Kunã Karai Tereza Guarani*, relatou-nos que o Guarani precisa cuidar da alma e do corpo, ambas se alimentam e precisam de cuidados, considerando a crença que se possui duas almas: a humana e a animal, deve-se estar sempre atento ao equilíbrio das mesmas, a primeira é lugar da esperança, bondade, realizações profícuas, a segunda é o lugar do mal, do receio, do medo, do desequilíbrio. Assim, na primeira repousa a divindade, razão do esforço para que a mesma tenha garantido o seu lugar na terra, onde não se morre mais, alcançado pelo estado de alma chamado de *Aguyjê*; na segunda reside maldade, perigo, o risco de ser condenado a ser um espectro que vaga na noite em forma de *Anguere* ou ser transformado em *Jepota*- que na atualidade as crianças e os jovens Guarani intitulam de *spiritus kué*.

O *Mbaraká* precisa ser exercitado nos locais de origem, os cânticos necessitam alçar os caminhos do céu, a alma precisa ficar leve-afim de flutuar no espaço e a posteriori deslocar-se para o local de destino. Se antes acreditava-se que poderia alcançá-la pela via terrestre, rumando-se a leste ou oeste e atravessando o mar, hoje já se partilha o pensamento que o caminho é o espiritual, para tanto é primordial que tudo volte ao seu lugar de princípio, o território tradicional, juntamente com todos os seus objetos sagrados, de perto e os de longe. Os que tem poder associado ao *Mbaraká*, os homens-deuses que percorrem constantemente os caminhos do que é designado como *Yvã Rapê Jara* (caminho do céu), dia após dia persistem no *Jeroky*, com *Takúá* e *MbarakáY*, nesse caminho onde humanos e divindades repousam sob o mesmo teto no *Ambá* (aldeia celeste), onde exercitam o *Ayvu Ñe'ë* (fala da alma), considerando os caminhos do céu é possível ver os seus rastos, do leste (*Ñandehováí*) ao oeste (*Ñandekupê*).

5. O jeito de ser Guarani e Kaiowá

Partindo desta premissa, o grande risco ou ameaça para os iniciantes/ iniciados na caminhada espiritual é se desumanizar, nos confrontos que podem ocorrer nesse meio tempo, em que estão na terra e a caminho do céu. Esses caminhos não são trilhados por qualquer pessoa, é preciso estar de acordo com o *Ñandeteko* (modo de vida Guarani), nesse caso esclareço que o nosso modo de ser é distinto dos demais, abarcando uma ampla gama de elementos constitutivos de vida individual e coletiva, sendo que nessa perspectiva do mundo real, terreno, é manifestamente uma dimensão do que se pode ver, apalpar, medir, sopesar, atitudes, comportamentos coletivos ou não, incluindo regimes alimentares, a esteticidade, redundando na maneira de ver e pensar o mundo e as coisas que nele há. Por essa razão o Guarani considera que seu modo de vida é o correto, porque frequentemente se empodera do modo de ser e viver dos divinos, nas moradas celestes estando em pé e de frente aos mesmos.

Interpretamos que proceder expressa-se em ser comedido, calmo, tranquilo, ponderado, solidarizando-se com seu próximo, sempre exercitando a reciprocidade, a temperança, com isso aperfeiçoam os sentidos do corpo como o ouvir, falar, sentir e ver, no entanto o que os diferencia dos demais, é a capacidade de percepção em como proceder para estar cada vez mais próximo de alcançar a perfeição, o *Tekó Aguyjê*. O cuidado que os *Yvyraijá* tem durante o *Jeroky*, se explica porque assim como essências aromáticas se fundem a pele, a essência ruim dos invisíveis que estão no caminho espiritual, podem *ojá* (grudar) na pele do *Ñanderú* e com ele se fazer presente no *Tekohá*, a causar males súbitos, doenças, desgraças,

a razão de estar alerta e saber o momento certo de passar do *Jeroky Hatã*, para o *Jeroky Mbegüe*.

Desviar-se dos caminhos ensinados por este segundo o ensinamento Guarani, manifesta-se em condutas como adquirir os modos dos animais em ser feroz, briguento, avarento, raivoso. Os homens apresentam condutas dos animais, que por sua vez o espírito animal toma a forma de homens. Nesta situação a alma animal sobrepuja a humana. Aprendendo o bem viver e exercitando-o, agrada os que moram no *Ambá* (*Xirú* em tamanho maior)- assim, com as constantes visitas a suas moradas, logo reconhece o Guarani como seu parente e com este estabelece a solidariedade e reciprocidade, indo e vindo descendo e subindo ao *Ambá*. O visitante então é revestido do *Arandu Porã* (bom entendimento), essencial para um dia ir de vez para a terra sem mal, sem que para isso passe pela experiência da morte física.

Vejamos que nesta terra, o exercício é o de viver o mais correto possível, para não se deixar levar pela animalidade da alma, em contraste o que vale é o exercício da humanidade, que aproxima do modo de vida dos que estão na terra onde não se morre. Lembrando que esse modo de ser não é exercitado por todos, com dito acima, faz parte do livre arbítrio. A viagem em que o *Mbaraka* é o guia ou o marcador da condição da alma no caminho trilhado, une o humano e o divino, nessa superação que é possível somente como a boa conduta, o bom viver, ter boas maneiras de conduzir o ser, implica em ter acesso na presença do divino. É a superação de limites de mundos que um dia não terão mais separações- estará imbricado no outro.

Torna-se evidente que todo o esforço físico despendido no *Jeroky*, resultam nos sonhos que *Ñanderu Vussu* (Deus criador) envia ao Guarani, para que o mesmo saiba, como proceder no dia de amanhã- mostrando as coisas que irão acontecer, é o futuro sendo revelado por meio dos sonhos. Assim, uma caminhada ou visita a uma parentela distante pode e quase sempre se inicia com um sonho. Nas caminhadas exercita-se um saber fazer, um conhecer, um aprendizado, pois como dito no início, o *Mbaraká* é guardião de conhecimentos, a agencia orientadora por onde seguir nos caminhos espirituais. Desta maneira, caminha-se por diferentes lugares, adentram-se segredos da botânica, fauna e flora são esquadrihados, no caso de danças para cura, diferentes essências assomam-se para compor o conjunto de um conhecer para saber fazer.

De acordo com *Kuña Karai Tereza Ñandesy Guarani*, com os primeiros sinais da alvorada impulsionada pelo *Mbaraká Jú* termina o *Purahei Pukú* (cântico-longo), o corpo extenuado, suado, pela longa caminhada de ida e volta aos *Tekohá* celestes, o/a *Ñanderú/Ñandesy* e todos os que participaram do ritual se sentam para saudar o *Kuarahí* (Sol), não que ele seja mais divino que qualquer um dos que ali estão sentados, mas porque ele é o irmão gêmeo de *Jacy* (Lua), o parente que está no céu- marcando uma trajetória que pode ser seguida por qualquer um de seus irmãos terrenos e por ser segundo as histórias que são contadas, ele é que trouxe ao mundo a harmonia e a paz. Portanto, é justamente desse ambiente que o objeto sagrado que está no exílio, sente saudades, da sua vida social, o exercitar a reciprocidade, fraternidade, reverencia e respeito tanto a humanos e não-humanos. É preciso liberta-se da prisão de vidro e unir-se aos seus, ainda que isso requer uma delonga maior.

Ademais, nos rituais religiosos e festivos, como em outros eventos sociais onde se reúnem grandes coletivos, existem conexões e transformações múltiplas e estas estão vinculadas as variadas formas de se pensar a cultura como um sistema de significados que é transmitido e se comunicam historicamente, incorporado por meio de símbolos- sagrados ou não- em um sistema de concepções herdadas e expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida e a sua práxis. Pensando um viés social de magnitude extensiva Guarani, para além de sua simples forma de viver em grupo e se comunicar, esses sujeitos se constituem em atores capazes de dinamizar sua vida individual e coletiva, porém, sempre necessitando de elementos capazes de entrelaçar seu sentimento aos do grupo social do qual está imerso.

Por conseguinte, pensar em compreender conexões e comunicações em uma dimensão dual que externa a experiência de coabitar em mundos e lógicas totalmente diferentes e refletir como essas relações transcorrem distintamente e simultaneamente em nossa vida social, problematizando imaginários cosmológicos dos Guarani, na análise ritual a envolver os objetos sagrados, e interligando-os a vivência cotidiana do seu povo, nos remete a pensar em um cenário educacional onde atores importantes realizam suas atividades por meio de suas práticas e ensinamentos em um conjunto em que está alicerçada a educação: seja ela no seio da família, na comunidade ou na escola- neste sentido podemos evidenciar a abordagem apresentada por Baniwa (2006) em que conecta educação à socialização de indivíduos e suas práticas coletivas.

6. Considerações finais

Perante a problemática que envolve o processo de interpretação cultural da nação Guarani, mais especificamente, a nação dos *Apapokuva*, entendendo que as práticas rituais se configuram em uma das principais manifestações de um povo- de uma cultura- ou ainda uma civilização, e que a partir destas, podem caminhar para uma possível construção de uma reflexão sobre o universo das relações sociais formalizadas entre os membros deste grupo- e até mesmo com outros grupos- espaços e posições sociais, pretendemos com a realização desta investigação, apresentar apontamento fundamental no tocante aos conhecimentos tradicionais, cosmologia e discutir os objetos sagrados em diversos contextos- acerca desse povo milenar que mantém sua cultura viva ao longo dessa trágica história de violação, extermínio e etnocídio.

Diante disso, corrobora-se que povo Guarani possui muitos saberes míticos que orientam sua organização social, dos quais são transmitidos há outras gerações por meio das histórias contadas e cantadas, por assim dizer, o canto exerce importância primaz para sua existência e para a perpetuação de suas tradições, além de garantir a reprodução cultural de sua sociedade ou cultura. Este é ensinado desde a maturidade e realizado para que seja propagado e não haja o fim terreno do povo. Outro elemento importante para entender a organização social propriamente Guarani é conectar ao processo educacional familiar- que são os princípios cosmológicos, pois estes se constituem como fator essencial para se entender a origem e a própria concepção de existência do povo Guarani, que mantém relações múltiplas e intrínsecas com os objetos sagrados-ritualísticos.

Este texto é uma versão reduzida e atualizada do original: ORTIZ, Rosalvo Ivarra. *Guiando Espíritos, Sonhos e Memórias: Objetos Sagrados entre os Guarani de Mato Grosso do Sul*, Brasil. *MUNDO AMAZONICO*, v. 10, p. 89-116, 2019.

7. Referências bibliográficas

MAUSS, Marcel. (2003). *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.

Peirano, Mariza. (2002). Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica. In Mariza G.S. Peirano. (Org.), *O Dito e o Feito*. Ensaios de Antropologia dos Rituais (pp. 7-14). Rio de Janeiro: Relume Dumará.

ORTIZ, Rosalvo Ivarra. *Guiando Espíritos, Sonhos e Memórias: Objetos Sagrados entre os Guarani de Mato Grosso do Sul, Brasil*. MUNDO AMAZONICO, v. 10, p. 89-116, 2019.

Rosalvo Ivarra Ortiz is an Indigenous social scientist, archaeologist, and writer of the Guarani and Kaiowa peoples of Mato Grosso do Sul, in the Center-West Region of Brazil. He is an academic with a post-graduate in Archaeology from the Museum of Archaeology and Ethnology of the University of Sao Paulo (MAE-USP).

